

# A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Ns. avulsos, 150 rs.

## A MARMOTA.

### Provincias de Portugal.

#### Alemtejo.

Esta provincia, que tira seu nome de sua situação, acha-se na margem meridional do Tejo, confina ao norte com a Estremadura Portugueza e a Beira, a Este com a Estremadura Hespanhola, ao Sul com o Algarve e a Oeste com o oceano.

O Alemtejo contém um certo numero de praças.

Suas principais cidades são:

Almodovar, pequena cidade.

Arroches, entro Campo-Maior e Portalegre, está situada em um elevação. Suas fortificações são mediocres.

Aviz, pequena cidade, origem da ordem militar deste nome.

Béja, cidade assás consideravel, sobre as margens de um pequeno lago do mesmo nome.

Beringel, pequena cidade, perto de Béja.

Cabeça de Vide, pequena cidade com boa fortaleza.

Campo Maior, a uma legua do rio Caio, é uma praça fortificada á moderna, defendida pelo forte de S. João, situado sobre uma elevação.

Castello de Vide, pequena cidade, com boas fortificações.

Castro Verde, sobre o rio de Corbes que se lança no Guadiana.

Crato, pequena cidade.

Elvas, praça forte, a melhor de Portugal, é defendida por um excellento castello.

Estremoz, cidade muito bem fortificada.

Evora, capital, arcebispado, cercada de uma antiga muratba, é defendida pelo forte de Santo Antonio.

Evoramonte, pequena cidade edificada sobre um rochedo.

Mertola, sobre o Guadiana, cidade antiga e fortificada.

Moncarus, tambem sobre o Guadiana, pequena cidade.

Montemór-Novo, sobre o rio de Cunha, linda cidade.

Moura, no meio de uma grande planicie, sobre as margens dos rios de Lavandeiras e de Brenhas, tem mediocres fortificações.

Mourão, sobre uma altura perto da margem oriental do Guadiana.

Niza, pequena cidade á extremidade do Norte da provincia.

Odemira, pequena cidade sobre o rio do mesmo nome.

Oliveira, de outro lado do Guadiana, praça muito importante, reunida á Estremadura pelo tratado de paz de 1801.

Ourique, pequena cidade celebre pela batalha que Alfonso I ganhou sobre os Mouros em 1149.

Portalegre, situada sobre uma altura, é defendida pelos fortes S. Christovão, Santa Anna e S. Pedro.

Redondo, pequena cidade.

Serpa, cidade forte, á uma legua do Guadiana, situada sobre uma eminencia quasi inacessivel.

Sines, pequeno porto de mar.

Vianna, pequena cidade sobre o rio da Extrama que se lança no Cadão.

Vidigueira, pequena cidade.

Villa-vieosa, pequena cidade mal fortificada.

O rio que banham o Alemtejo são pouco consideraveis, á excepção do Tejo e do Guadiana, e pôde-se cansideral-os como rios secos no verão; tais são: Abrilongo, Alcarapinha, Alcarabico, Alcarrache, Algalé, Anheloura, Aramenho, Avis, Benabida, Bonafide, Botoba, Cabaça, Caia, Caiola, Campilhas, Canha, Carreiras, Cobrinhas, Corbes, Corona, Dejebe, Detenza, Exatrama, Erro, Ervedal, Figueiro, Fonte-Boa, Gallego, Garavia, Guadiana, Laira, Lamarosa, Lezo, Limas, Lixosa, Lucefeci, Machede, Marateca, Mourinho, Niza, Odemira, Odívelas, Odivor, Peramanca, Regulvo, S. Romão, Sarrazolha, Sedão, Sever, Severa, Sor, Sorraia, Taleigão, Tejo, Tera, Terres, Vidigão, Xever, Xevora, Zata.

As montanhas principais são: Ossa, Caldeirão, Portalegre, Montemuro e Marvão.

## UMA MISSÃO NO ORIENTE.

(Principiou no n. 942.)

— Sacrificais tudo a esta belleza; a vossos olhos a intelligencia nada vale; as artes que

cidades tão antigas na historia e tão retrógradas no engrandecimento.

D. Martim de Villar era um dos tyrannos mandados ao-Brasil em quem recahira a má escolha do governo portuguez.

O barbaro tratamento e despotismo, que elle exercia sobre seus numerosos administrados, faziam-n'o odiar por essa gente de coração tão sensivel e a quem elles chamavam selvagens.

Finalmente, a religião e costumes, a instrução dos pobres Indios, que compunham a sua colonia, nenhum peso tinha em seus cuidados.

O que lhe merecia attenção era o proveito que delles podia tirar, deixando o resto a cargo de subalternos viciosos que ensinavam aos infelizes o gosto pelas orgias e corrupção.

Longe pois de attrahir sobre si as bençãos dos seus subditos, sómente havia feito nascer o temor em vez do respeito em todos os corações. Natureza egoista, orgulhosa e fria, elle julgava essa especie nascida para a submissão e trabalho, e suas penas nenhuma

## F O L E T I M .

### D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo Colonial

Pela Indigena do Ypiranga.

(Principiou no n. 942.)

I.

O lugar da Ponta Grossa, na villa de S. Francisco Xavier, hoje cidade da Graça, que está retalhado por muitos possuidores, foi em outro tempo, isto é, no principio da colonia, limites de uma extensa fazenda, que pertencia a um grande fidalgo chamado D. Martim de Villar, governador da mesma colonia.

Este cavalheiro vivia com dous irmãos mais moços: D. Luiz e D. José de Villar.

Como nem sempre a escolha de governadores das colonias brasileiras recahira em

peçoas, cuja prudencia e justiça guiassem um povo infante, que começava a abrir os olhos para a civilisação, tendo as vistas ainda cheias das nevas da idolatria e da ignorancia; o gabinete portuguez enviava a estes lugares homens a quem queria proteger, e de quem esperava grandes vantagens, pelo muito que arrecadassem.

Estes governadores, usando quasi sempre de um poder despotico, os unicos sentimentos que despertavam nesses espiritos tão impressionaveis que podiam fazer voltar-se facilmente ao bem, eram os da aversão e vingança. A iniqua oppressão e torpe injustiça que quasi geralmente era exercida contra essa pobre gente, cimentavam com incremento fatal esse odio terrivel, cujo smargor devia legar em herança a suas futuras gerações, esse povo então na infancia dos costumes.

O vicio praticado por tantos facinorosos sabidos das cadêas do Lisboa, que viuham povoar as colonias, progredia com mais força, supplantando toda a sombra de civilisação que não podia medrar sem religião. Por isso vemos até hoje muitas de nossas villas e

dobram a graça das mulheres, a musica, a piutura, a dança, são por ventura conhecidos nos seralhos?

O pachá fez um signal, e logo seus escravos ergueram um grande reposteiro de damasco que vedava a vista no interior da sala. Duas mulheres vestidas de garça abacelada de ouro appareceram diante de miss Macsupp. Uma tinha em uma mão uma guitarra, a outra agitava uma facha de seda. Aos primeiros sons que sua companheira tirou do harmonico instrumento, a dançarina desentrou o tiracollo, e se precipitou como para tomal-o. Continuou com elle, descrevendo as curvas mais encantadoras, e fazendo elle fluctuar no espaço como o arco da velha, cobrindo, ora o pescoço e os hombros, ora a cintura, e dando a seu corpo faceiro as posturas mais graciosas que se podem imaginar, e a seus membros ageis inflexões delicadas. Os sons que partiam da guitarra, alternativamente vivos e lentos, melancolicos e alegres annunciavam uma mão habil e exercitada; a melodia valia a dança. O pachá, cheio de entusiasmo, batia as mãos fazendo ouvir palavras turcas que significavam: — Bravo, *Encanto dos Jardins!* bravissimo, *Tormento dos Corações!* Eram estes os nomes das duas artistas.

O reposteiro de novo se abriu e duas outras mulheres entraram.

A cintura da primeira atravessava um bastão de marfim polido, cujo castão era de uma pelle cuidadosamente pentado; ao lado pendia uma garrafa cheia de um liquido vermelho. Um escravo apresentou-lhe uma taboa polida de cortiça de palmeira; ella se inclinou, descançou a cortiça sobre seus joelhos, e pouco depois se ergueu para oferecer a miss Macsupp o seu trabalho. Sete ou oito pinceladas tinham sido sufficientes para fazer apparecer uma rosa, cujas côres teriam lutado de frescura e voluptuosidade com uma flor nascida sob os primeiros pirajás da noite.

Em um canto do quadro, com letras arabes, que pareciam engraçadas garatujas, tinha ella escripto seu nome: — *Orvalho da Alma.*

A outra mulher não era dançarina, nem pintora, nem musica.

— *Sorriso do Espirito*, lhe disse o pachá, chegou a tua vez de entreter a quem em-

sensibilidade achariam naquella alma dessecada pela ambição, que presumia com desdem, que os pezares não deviam tocar a entes incapazes de reflectir. Na sua opinião, os Indios de sua colonia eram os mais ditosos. Não lhes faltava o pão, tinham roupa para cobrir-se e tarefa dobrada. Assim julgam muitas vezes os tyrannos do povo, não pensando que a alma necessita tambem de alimento. Seus dous irmãos o acompanhavam em seus sentimentos e opiniões, e as crueldades que exerciam quando reunidos administravam justiça, os fazia denominar por todo o povo, homens do raio.

Aigum tempo depois que D. Martim estava naquella lugar, veio ter com elle uma sua irmã, vinda de Lisboa, e toda coberta de luto por ter perdido recentemente sua mãe.

D. Narcisa de Villar, que assim se chamava a menina, não tinha mais que doze annos, porem seu talhe era tão delgado que se lhe não daria mais do que oito. Sua physionomia era doce e meiga; parecia, que a dor a tinha tocado mui cedo, porque seu sorriso era sempre melancolico, e seu semblante pensativo. Bem má companhia vinha

belleco minha morada com sua presença fugitiva.

*Sorriso do Espirito* fez ouvir um *ghazel*, que nos não daremos: ao trabalho de reproduzir a nossos leitores; elle se encontra na ultima livração do *Traveller's Magazine*, onde se acha traduzido por miss Macsupp.

No meio destes divertimentos, alguns amigos do pachá chegaram. Sorvetes e cachimbos são offerecidos aos circumstantes. As mulheres do pachá tomaram parte nos refrescos; misturaram-se com os homens, de quem receberam homenagens sem embaraço, como sem falsa modestia.

Miss Macsupp estava maravilhada, e mesmo um pouco contrariada do que via. Ella guardava um silencio que seu hospede respeitava sem duvida por delicadeza, o que não o impedia de miral-a algumas vezes occultando sob seus bigodes um sorriso malicioso.

Deixaram a sala pelos jardins. Os convivas se internaram pelos bosques em companhia de *Encanto dos Jardins* e de suas companheiras. O pachá conduziu miss Macsupp a um kiosque rodeado de larangeiras em flores.

— Então, disse elle, somos nós insensíveis aos encantos que podem elevar vosso sexo? nos achais ainda ciumentos?

Miss Macsupp não sabia que responder; felizmente para seu embaraço, um ruido de vozes se fez ouvir; escravos com tochas acesas se espalharam em todas as direcções pelas alamedas, donde partiam gritos como se houvesse pegado fogo no palacio.

— Que significa esta vozzeria? perguntou o pachá: olá! venha um!

Um negro notavel pela sua gordura appareceu.

— Escudo impenetravel, poço de sabedoria, mar de mansidão, columna de força, pilastra de vigor. . .

— Basta! basta! responde-me sobre tua cabeça, porque este tumulto?

— A escrava que comprastes, ha tres mezes e que vos custou vinte bolsas, Nejema, a bella Nejema. . .

— Que mais?

— Fugio com um joven Grego.

— Que a procurem por toda a parte, exclamou o pachá saltando com furor; eu vos

a innocente eriança buscar, porque seus irmãos muito pouco interesse mostravam por ella. Aborrecendo-se da sociedade de uma eriança achando fastidiosos os cuidados que ella merecia, a deixaram entregue aos fumaços que os serviam e raramente a viam. A pobre menina a principio chorou muito, porém era de genio tão docil que bem depressa se resignou a sua nova situação, e por fim acostumou-se a não ver mais seus irmãos. Havia entre as Indias que a serviam uma que se fazia notavel pelo seu caracter. Chamava-se ella Iphigenia e tinha um filho de nome Leonardo.

Ella era intelligente e affavel, e amava extremamente a seu filho; e de tal modo se affeiçoou á menina, que não podia um momento afastar-se d'ella sem tristeza. Seus cuidados e desvelos em tratar de sua joven ama, eram tão sollicitos, que não puderam ser desconhecidos ao bom coração da nobre orphã. Esquecida de seus parentes, expatriada, sem nenhuma outra sociedade que a dos seus criados, ella não pôde deixar de ser sensível aos cuidados extremos da India, e o reconhecimento muito vivo

faço a todos em postas se amanhã não m'a trouxeres com seu complico.

O gorducho negro se inclinou tres vezes, e se retirou tão depressa quanto lhe permitia sua formidavel pança, jurando por Allah que executaria as ordens de seu senhor.

Este incidente pôz fim á festa.

Miss Macsupp foi conduzida a seu aposento, onde submissa para servir-a a esperava uma escrava de confiança.

A colera que brilhara nos olhos do pachá, a ferocidade de suas ameaças, teriam fornecido a miss Macsupp uma bella occasião de tomar sua desforra, mas o turco não lhe deu tempo para isso.

— O que acontecerá á bella Nejema se a apanham? perguntou a ingleza á velha que a despia.

Esta mulher, que tinha servido na Alexandria a muitos negociantes europeos, lhe respondeu na lingua franceza:

— Fal-a-hão descer nua a um poço cheio de ratos.

— Shoking!

— Quando não a lancem ao mar cosida em um sacco do couro.

— Shoking! Shoking!

A velha tinha ares de achar isto muito natural.

Amanhã, disse miss Macsupp consigo, minha vingança será completa. Ah! senhor pachá, espero pilhar-te em flagrante delicto de barbaridade. Entregar uma pobre mulher a ratos—eis-aqui onde o homem desligado de toda a especie de civilização se mostra! Eu porém impedirei esta abominação; minha missão me aponta isto como um dever. Vejo que a minha estada no Oriente pôde produzir os mais sazonados fructos. Eu te salvarei, bella e infeliz Nejema e provarei ao pachá que não passa de um vil barbaro!

Depois adormeceu e sonhou que via sua estatua em uma das praças publicas de Londres com esta inscripção:

A miss Ophelia Macsupp

Nascida a. . .

Morta a. . .

Civilison o Oriente

e

restituiu ao bello sexo deste paiz

seu

prestígio desconhecido.

(Continúa.)

que sentia por estes dous entes, que tanto por ella se interessavam, se foi transformando pouco a pouco em amizade, de sorte que D. Narcisa não podia já viver sem Iphigenia e seu filho. Querendo mostrar mais vivamente a sua gratidão á India, tomou a si o trabalho da educação de Leonardo; ensinou-o a ler, e instrui-o tanto quanto pôde na religião catholica, fazendo o discipulo admiraveis progressos com aquella mestra inspirada. Sua docura, humildade e obediencia o faziam tão digno aos olhos de sua ama, que cada dia ella se occupava com mais ardor da tarefa de o educar. Quanto aos sentimentos que inspiravam ao menino as acções de sua senhora, chegavam á idolatria. Sentia ella tão vivamente os pezares alheios, tendo sempre palavras de consolação que dar aos que soffriam, com uma expressão tão distincta, que elle reconhecia nella essa linguagem do céo que tinha aprendido no Evangelho.

Ella era para elle aquelle Deos, em quem lhe ensinava a crêr.

(Continúa.)



## Canticos Funebres

DO  
SR. DR. MAGALHÃES.HYSTERIO VII.  
A DUVIDA.

Duvida atroz, cruel, que ante mim surges  
Como um phantasma da verdade ao lado!  
Que luz procuras tu, que te aniquile,  
Como esse insecto que acommette a chama?  
Ah! quanto mais intenso o sol fulgura  
A' face nossa, deslumbrando os olhos,  
Mais negra após nos acompanha a sombra  
Tormento d'alma, condemnada ao erro!  
Temor continuo de imprevisto engano.  
Da sciencia implacavel companheira,  
Ou duvida, que á fé o encanto rouba,  
E me vens perturbar a doce crença  
Que a celeste visão deixou-me n'alma!  
Com que luz infallivel pode o homem  
O teu espectro fulminar p'ra sempre?  
Que verdades me dão estes sentidos  
Que nem dos actos seus as leis conhecem?  
Mas a razão? Ah, sim, ella descobre  
Ao travez da apparencia a realidade,  
E da crença os phantasmas assoberbal  
Ella ao passado sua luz devolve,  
Esclarece o presente, e o véo penetra,  
Que aos olhos nossos o futuro encobre.  
Sciencia humana e audaz, tu que a verdade  
Livre procuras, vem, dize o que sabes,  
Tira-me do erro, a duvida dessipa.

## A PHILOSOFIA.

Ah! tu sonhaste! E como erer n'um sonho?  
Nesse enredo phantastico de idéas,  
Resurgidas do abysmo da memoria,  
Como larvas da morte revocadas,  
Que se encadeam por si, e se encadeam  
Ante um ser impassivel, condemnado  
A ver em seu repouso, envolto em trevas  
Esses fatuos signaes passar incongruos.  
Como os olhos, que intenso sol ferira,  
Mesmo fechados vêm vagar no espaço  
Multicores imagens luminosas  
De extinctas impressões sentidos restos.

## EU.

Como! Pois espontaneas as idéas  
Se encadeam por si? Que estranha especie  
De entes vivos são ellas, que em mim vivem  
E sensiveis aspectos assumindo,  
A uma falsa visão a mente obrigam,  
Sem que as repilla d'alma a livre força  
E alli mesmo a razão as contradiga!  
Se no meio de escura galeria  
Visse alguém de repente illuminar-se  
As pintadas figuras, e avultadas,  
Animar-se, e surgir dos lisos quadros,  
Mover-se e discorrer, casos narrando  
De uma estranha, phantastica existencia;  
Oh que de certo maravilha fóral  
Espantoso prodigio!.. Mas não menos  
Estupendo milagre me parece  
Que essas idéas minhas, por si mesmas  
Das trevas da memoria se levantem,  
Ou dos quadros da obscura phantasia,  
E, de formas reaes se revestindo,  
No espaço exterior se me apresentem,  
Um drama enredem de pensado entrecho  
Novas imagens criem, pensem, fallem,  
E discorram comigo; e eu soffra e eu chore  
E real tudo creia, e a final tudo  
Uma pura illusão! um sonho! um nada!  
Quem as minhas idéas deu tal vida?  
Quem lhe deu tal poder?

## A PHILOSOFIA.

## Foste tu mesmo.

Fugindo á natureza, entregue á magua  
Pelos teus pensamentos aggravada,  
Transcendentes myst'rios perscrutando  
Onde se perde e devanêa a mente:  
Por ti aguilhoada a phantasia  
Nessas lucubrações soltou seus vãos,  
Tu mesmo, no deliquio do teu corpo;  
Todas essas idéas concebeste,  
E essa tua visão obra foi tua,  
Como quando desperto um drama enredas.  
So és acordado, conscio de que pensas,  
E o trasumpto distingues do modelo  
E' que tens a teu lado a realidade  
Que aquilata a verdade, e o engano impede  
Real parece o sonho a quem o inventa,  
E visível no espaço se lhe finge,  
Porque na escuridão, e no silencio,  
Quando nada contrasta o pensamento,  
Clara, sem distracção se ostenta a idéa.  
Tal as imagens, que o pincel traçara  
Em lisa tela, em adequada estancia,  
Ao exclusivo olhar, que além não vaga,  
Se resaltam, se avultam; quaes mais longe,  
Quaes mais perto, e roaes se nos antolham  
Assim, para attingir mais clara a idéa,  
Os olhos fecha o artista, e se recolhe,  
E a interna concepção no espaço enxerga.

(Continúa.)

## No Album

do meu amigo José Leite d'Azevedo.

Tu amas, poeta, o leve suspiro  
Que a virgem despende do peito amoroso;  
Tu amas a briza, que geme em retiro,  
Que geme em retiro, qual passaro medroso.

Tu amas, oh bardo, a vaga ruidosa  
Que vai no rochedo quebrar-se e fugir;  
Tu amas a lyra, gentil, maviosa,  
Que vem compassiva mil sons expandir!

Tu amas bandulhuo, saudoso regato,  
Que corre e serpêa, com mago condão;  
Tu amas um peito, mas não peito ingrato,  
Que fere, e delira, gentil coração!

Eu amo o que amas; regato, suspiro,  
A vaga ruidosa, e a lyra gentil,  
Um peito amoroso, a briza em retiro,  
Eu amo inda mais: eu amo o BRAZIL!

Eu amo a palmeira, no cimo da serra  
Que verga ao poder do fêrro aquilão;  
Eu amo, estremoso, gemido que encerra  
Os bellos sigillos de immensa paixão!

Eu amo ridente a estrella gentil  
Que brilha no céu, qual divo fanal;  
Na patria difere: — qu'eu amo o BRAZIL  
E tu tens amor ao teu PORTUGAL!..

Fevereiro 20 de 1858.

A. P. Domingos.

## Flôr da meia-noite.

Da meia-noite flôr, flôr pura e bella,  
Flôr dos mysterios, exquisita flôr!  
Porque tão casta teo virgineo seio  
Do sol occultas ao vital calor?..

Porque te ofastas do vulgar?.. Acaso  
Das outras flôres Deos não fez-to irmã?..  
Não te delicia o gorgear das aves  
Em resplendente, festival manbã?..

Que mão occulta, que poder estranho  
Faz com que rasgues do poder o véo  
A' meia-noite, dos mysterios hora?..  
Amas alguém no estrelado céu?..

Descoras... tremes... ah! maliciosa!  
Vihrei-te a fibra do prazer e dôr...  
Vates mysterios perscrutar só querem:  
Amas a um astro, não m'o negues, flôr!

Rio, Dezembro de 1858.

J. M. Ferreira Junior

## Capricho da Sorte.

## I.

A morte roubou-me aquella  
Que outr'ora mimosa e bella  
Fez minha vida feliz;  
Quiz viver d'amor isento,  
Foi baldado e louco o intento,  
E de então vivo infeliz.

Tenho achado amor sincero,  
Porem render-me não quero,  
Quero viver sem amar;  
Porem amor não me deixa,  
E ora chorando se queixa,  
Ora me obriga a chorar.

Vejo moças com belleza,  
Vejo moças com riqueza,  
Que podem gerar amor;  
Só a pobreza m'encanta,  
Que é modesta, não espanta  
A quem vive entregue á dôr.

## II.

Eu suspirava...  
Um não sei que me faltava  
Que não sei bem definir;  
E minha vida  
Era muito apetedida,  
Pois eu sabia fingir.

Cruel saudade  
Me lembrava a flicidade  
Que poucos annos gozei;  
E minh'Armia,  
Meus sonhos, minh'allegria  
Que em negro tum'lo encerrei.

Correu-me o pranto  
E senti que um doce encanto  
Tinha p'ra mim o chorar;  
Mas n'um momento  
Senti crescer o tormento  
Que estava quasi a expirar...

## III.

Vi uma bella mocinha  
Mui polre, mas virtuosa;  
Era tambem desditosa,  
Tambem sabia chorar.

Um não sei que me attrahio,  
E plantou n'alma o prazer;  
Foi mui breve esse viver,  
Só então pude-o gozar.

Eu amo desde esse instante,  
Desde esse instante suspiro,  
Entregue á magna deliro,  
Pois não a devo mais ver;

Ella não sabe entender  
O fogo que sinto a'alma,  
E entregue á mais doce calma  
Gosta de ver-me soffrer.

Albano Cordeiro.

— Questão proposta na *Marmota* n. 925, de 12 de Fevereiro do corrente anno.

**NOTTE.**

*Qual dos dous Cegos mais sente  
O penoso estado seu:  
O que cegou por desgraça,  
O que cego já nasceu?*

**GLOSA.**

Vou dar minha opinião  
Sobre a questão suscitada,  
Vou deixar embasçada  
Muita gente, e com razão.  
De que trata essa questão?  
E' dizer incontinentem  
Qual cego é mais padecente,  
Se o de nascença ou de acaso,  
E quer n'um, quer n'outro caso,  
*Qual dos dous cegos mais sente.*

Cá por mim, tenho e sustento,  
Que o cego é mais desgraçado  
Que a — vista — tendo gozado  
A perde n'um só momento.  
Ao cego de nascimento  
Nunca a luz appareceu,  
Nunca elle conheceu  
Bellezas da natureza;  
Não conhece com certeza  
*O penoso estado seu.*

Nunca fez na mente sua  
Um quadro de amor perfeito,  
Tudo, tudo é imperfeito,  
E a natureza vê nua;  
Nunca vio brilhar a lua  
No lago, no monte ou praça,  
Nem lhe vio do rosto a graça.  
E, portanto, é mais feliz;  
Sendo em tudo um infeliz  
*O que cegou por desgraça.*

Este, gozou da natura  
Mil graças e resplendores,  
Vio e cheirou bellas flores  
E vio muita formosura!  
Deu-lhe a — vista — alta ventura,  
Instantes de amor lhe deu!  
Desgraçado! e elle perdeu  
Tanta graça e tal fulgor!  
Quanto é mais feliz, leitor,  
*O que cego já nasceu!..*

M. A. Calasans Peizoto.

**A**

Ilma. Srna. D. J. C. W.

**MOTTE.**

*Sois na terra um céu aberto.*

**GLOSA.**

Sois o orvalho matutino,  
Que dá vida á debil flôr; (1)  
Sois um sorriso divino,  
Que alenta um puro amor. (2)  
Sois um celeste penhor  
Da graça de Deos, por certo;  
Quem vos conhece de perto  
Fica de vós encantado:  
Sois um anjo humanisado,  
*Sois na terra um céu aberto.*

Abril 8 de 1858.

Reys.

(1) Soa filha de D. L. W.  
(2) De seu esposo o Ilm. Sr. H. G. W.

**Uma lição.**

Em um carro publico, um religioso se achava sentado ao lado de uns officiaes que se puzeram a fallar da religião e a fazer della objecto de zombaria. O religioso, que os havia escutado sem dizer palavra, fez cahir por sua vez a conversação sobre a guerra, e fallou della de uma maneira tão ridicula que os officiaes não puderam conter-se de dar grandes gorgalhadas.

« Meus Senhores, lhes disse elle, vós me julgaes muito ignorante sobre aquillo que tendes apreendido; eu vos quiz fazer ver que nós não nos tornamos mais ridiculos senão querendo racionar sobre materias de que apenas temos um conhecimento muito superficial. Em factos de religião, sobretudo, convém temer enganar-se!»

Os officiaes aproveitaram a lição e desculparam-se para com o religioso.

**Definições exactas.**

O que ha de mais bello? — o Universo, porque é obra de Deos. — De mais vasto? — o espaço, por que contém tudo. — De mais forte? — a necessidade, porque triumpho de tudo. — De mais difficil? — cada um conhecer-se a si mesmo. — De mais facil? — dar conselhos. — O que é necessario para ser feliz? — saude, dinheiro e juizo.  
(Trad. por \*\*\*)

**Companhia Nictheroy e Inhomirim.**

Do 1º de Abril a 30 de Setembro, o serviço das barcas será feito ás seguintes horas:

**DA CÔRTE PARA NICTHEROY.**

De manhã, ás 6 1/2, 7 1/2, 8 1/2, 9, 10, 11 e 12.

De tarde, com escala por S. Domingos, ás 1 1/2, 2 1/2, 3 1/2, 4 1/2, 5 1/2, 6 1/2 e 7.

**DE NICTHEROY PARA A CÔRTE.**

De manhã, ás 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

De tarde, com escala por S. Domingos, ás 1 1/2, 2 1/2, 3 1/2, 4 1/2, 5 1/2, 6 1/2 e 7.

**DA CÔRTE PARA S. DOMINGOS.**

De manhã, ás 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

**DE S. DOMINGOS PARA A CÔRTE.**

De manhã, ás 6 1/2, 7 1/2, 8 1/2, 9, 10, 11 e 12.

Nos domingos, dias santos de guarda e de festa nacional, as viagens serão feitas de hora em hora até ás 4 horas da tarde, com escala, e das 5 em diante, ás meias horas em direitura.

Haverá mais, nestes dias, uma viagem ás 8 horas da noite.

**Charada.**

Existindo faço existir. . . . . 1  
Uma cordá neste estado,  
Afinada e se tocando,  
Solta sonoro vibrado. . . . . 2

**CONCEITO.**

Não deixo alguém em duvida  
Sempre fiel no que digo.

A charada do n. antecedente é: — *Jesuina.*

**A**

**QUESTÃO DE DINHEIRO**

POR

**A. Dumas Filho**

traduzida pelo Sr.

**Dr. J. J. da Rocha**

acha-se impressa, e será publicada por estes dias. Ainda se recebem assignaturas de 12rs., na praça da Constituição n. 64, e rua do Cano n. 44 — *Novae Typographia* de Paula Brito.

Publicada esta interessante obra, que todo o homem do commercio devo ler, para estudar nella o que são transações, jogo de accões, alta e baixa de cambios, manejos licitos e illicitos, moralidade dos homens e das cousas, &c., &c., custará cada volume 20rs. E' uma comedia mais para ser lida como romance, como livro commercial instructivo, do que para ser representada. Quanto á traducção, basta saber-se que é do Sr. Dr. Justiniano José da Rocha.

**PIANO E CANTO.**

As musicas do Sr. A. L. de Moura, recentemente publicadas, são as seguintes:

Miscellanea portugueza, para flauta 5500  
Dita para piano . . . . . 15000  
Bouquet das Brasileiras, contendo  
14 peças de piano e canto. . . . . 55000

VENDEM-SE NA

44 — Rua do Cano — 44

e na

64 — Praça da Constituição — 64

LOJAS DE PAULA BRITO.

**LOJA**

**DO BOM E BARATO**

DE

**Paula Brito**

Praça da Constituição

N. 64

PORTA LARGA, ONDE HA SEMPRE

**CHÁ**

**LETRAS E PAPEL SELLADO**

POR CONTA DO GOVERNO

**Charutos**

**OBJECTOS DE ESCRIPTORIO**

**BONECAS**

cartas de jogar, opacas,

PERFUMARIAS

**ROMANCES E NOVELLAS**

E

**uma variedade infinita de**

**COUSAS INTERESSANTES.**

Typographias de Paula Brito  
Rua do Cano n. 44 e praça da Constituição n. 64.